

PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM HUSSERL: UMA PRIMEIRA LEITURA

Rezende, R. C., Paradela, A. M. D., Vasconcellos, V. N. B., Lisboa, P. H. P
Lauro, M. M.

Resumo: Ao longo de séculos, o debate acerca do problema mente-cérebro tem produzido diferentes reflexões teóricas nos campos filosófico e científico (MATHEUS, 2007). A esse respeito, Cescon (2010) organiza as principais construções teóricas contemporâneas na filosofia da mente nas seguintes perspectivas: *new mysterianism*, reducionismo, funcionalismo e fenomenologia. Dessas quatro perspectivas, nosso interesse limita-se à abordagem fenomenológica, que, desde os anos 90, tem ganhado visibilidade no campo da filosofia da mente. Para entendermos como a consciência é compreendida nessa abordagem, priorizamos a leitura da obra *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmundo Husserl*, publicada por Goto em 2008.

Palavras-Chave: Problema mente-cérebro. Fenomenologia. Psicologia Fenomenológica.

Introdução

Ao longo de séculos, o debate acerca do problema mente-cérebro tem produzido diferentes reflexões teóricas nos campos filosófico e científico (MATHEUS, 2007). Além disso, pode-se observar que o problema mente-cérebro parece não poder ser adequadamente pensado ou estudado sem uma necessária articulação entre os achados científicos e a análise filosófica, como bem destacou Teixeira (2000, 2005), ao observar que a Filosofia da Mente deve ser uma área de conhecimento com o claro objetivo de reunir à reflexão filosófica

os estudos científicos, na tentativa de superar a complexidade inerente à investigação da natureza da vida psíquica e sua relação com o cérebro.

É precisamente nessa direção que a presente proposta do Grupo de Estudos, *O problema mente-cérebro na história da psicologia*, busca propiciar um espaço de discussão e conhecimento acerca da problemática mente-cérebro, destacando como ela tem sido discutida e investigada pelas principais teorias psicológicas em diferentes momentos históricos, evidenciando aí seus principais pressupostos filosóficos e evidências empíricas.

A esse respeito, observamos que Cescon (2010) organiza as principais construções teóricas contemporâneas na Filosofia da Mente, destacando as seguintes perspectivas: *new mysterianism*, reducionismo, funcionalismo e fenomenologia. Dessas quatro perspectivas, nosso interesse limitou-se à abordagem fenomenológica, que, desde os anos 90, tem ganhado visibilidade no campo da filosofia da mente.

Para entendermos as contribuições dessa abordagem, sobretudo em relação à caracterização da consciência, o Grupo de Estudos, *O problema mente-cérebro na história da psicologia*, priorizou nesse ano leituras que apresentavam uma discussão e uma análise da Fenomenologia de Edmundo Husserl (1859-1938). Mais especificamente, priorizamos a leitura da obra *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmundo Husserl*, publicada por Goto (2008), segundo o qual a proposta de uma Psicologia Fenomenológica parece ainda não estar adequadamente compreendida e fundamentada na literatura nacional, justamente pelo fato de que muitos psicólogos se apropriaram de tal abordagem, sem, contudo, preocuparem-se em conhecer como o próprio Husserl estruturou sua Psicologia Fenomenológica (GOTO, 2008; GOTO; MORAES, 2018).

Material e Método

O presente trabalho, como parte das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Estudos, *O problema mente-cérebro na história da psicologia*, objetivou compreender a Psicologia Fenomenológica em Husserl por meio da leitura e

discussão da obra *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmundo Husserl* (GOTO, 2008), e de artigos clássicos e recentes diretamente relacionados ao tema, a fim de entendermos as contribuições e questionamentos envolvidos na interlocução da Fenomenologia com a Psicologia, sobretudo no que diz respeito à compreensão da relação mente-cérebro. Para tanto, primeiramente focamos na descrição e nas críticas que Husserl apresentou à psicologia científica de sua época, para então, posteriormente, destacarmos a constituição de uma nova psicologia, denominada por ele de Psicologia Fenomenológica.

Resultados e Discussão

As críticas de Husserl à psicologia científica e ao psicologismo

No início do século XX, Husserl anuncia seu objetivo de atrelar à filosofia o título de uma “Ciência do Rigor”, fundamentando-a em bases sólidas e apodíticas. Segundo ele, isso não seria estabelecido por meio das ciências empíricas e do rigor do método experimental, pois em sua “atitude natural”, essas ciências limitavam-se a descrever os fatos da realidade a partir da identificação de regularidades e a fazer inferências, produzindo a partir disso apenas leis gerais e probabilísticas (TOURINHO, 2012).

Para Husserl, fundamentar a filosofia como uma ciência rigorosa era inerente ao desenvolvimento de uma nova estratégia metodológica. Esse recurso, em contraste com o método experimental das ciências empíricas, encontrava-se na “atitude fenomenológica”, que, em linhas gerais, consiste na suspensão do juízo do investigador, isto é, dos conceitos previamente estabelecidos, propiciando a recuperação da pura significação do que se mostraria na consciência do sujeito. Portanto, à Fenomenologia caberia explorar a experiência enquanto objeto dado para a consciência intencional, que é dotada

da capacidade de ver as coisas como se revelam e se apresentam em sua plena evidência (TOURINHO, 2012).

Ainda seguindo a interpretação de Tourinho (2012), mas também de Moreira (2010), com essa atitude fenomenológica, Husserl volta-se para o domínio da subjetividade, considerando o fenômeno que se revela à consciência. Isso, contudo, sem negar a relação com o mundo exterior, pois, embora as investigações fenomenológicas não se limitem ao que é simplesmente e empiricamente dado (como pressuposto nas ciências naturais), elas também não estão voltadas para a ideia de uma 'objetividade transcendente', como podemos observar nas discussões filosóficas metafísicas. Em outras palavras, podemos observar que Husserl rompe tanto com o pressuposto de que a consciência posiciona as coisas quanto com o princípio de que as coisas existem independentemente da consciência. Assim, deixando de lado o objeto isolado e a representação do objeto, ele nos convida a voltarmos para às "coisas mesmas", ou seja, para os fenômenos, destacando a essência intencional da consciência, que passa a ser compreendida como 'uma consciência de'.

Aqui, como bem destaca Feijoo (2014), assumir essa intencionalidade da consciência implica afirmar o caráter de cooriginariedade entre sujeito e objeto, de modo que quando um dos polos aparece o outro imediatamente acontece, sem nenhum intervalo espaço-temporal entre eles. Nesse sentido, a Fenomenologia de Husserl nos coloca um questionamento acerca da investigação das vivências psíquicas humanas, pois não podemos entender a consciência como algo interno a um sujeito (interioridade psíquica), em separação ou oposição ao objeto, que lhe é externo, já que todo ato da consciência exprime uma intenção e é voltado para um objeto/mundo, que só existe a partir dessa referência.

É precisamente nesse contexto, que podemos entender uma das críticas que Husserl apresenta à psicologia científica de sua época. Segundo ele, a psicologia ao tentar estrutura-se nos moldes das ciências naturais assume um objetivismo fiscalista, ou seja, passa a estudar a subjetividade fundamentada unicamente no nível empírico-experimental, com o objetivo de estabelecer regularidades, mensurações e previsões acerca da vida psíquica, afastando-se, com isso, das questões supremas para a humanidade, como, por exemplo, o sentido e os valores da existência, e negligenciando características

fundamentais da subjetividade, como a própria intencionalidade da consciência (GOTO, 2008).

Embora seja enfático em suas críticas à ciência convencional, é importante mencionar que Husserl não está aqui desvalorizando a importância da ciência nem se opondo aos avanços da ciência em geral ou da psicologia especificamente, como bem observa Goto (2008). Ao contrário, suas críticas referem-se à necessidade de se repensar os conceitos de ciência e de racionalidade, de modo que as questões mais fundamentais da vida humana possam emergir.

Embora direcione seus questionamentos à postura científica em geral, Husserl identifica a crise da humanidade como mais evidente na psicologia, tendo em vista que ela se apresenta como uma ciência da subjetividade. Portanto, com suas críticas, Husserl quer chamar a atenção para o fato de que, embora o psiquismo possa ter uma base natural, objetivamente observável e quantificável, isso não permite excluir o plano subjetivo-espiritual das investigações nem o reduzir ao plano da investigação empírico-experimental, tratando-o como mais um dado natural. De fato, como ressalta Goto (2008), para Husserl, é um verdadeiro contrassenso reduzir a vida espiritual ao mundo natural, uma vez que os processos subjetivo-espirituais são condições para a produção do próprio conhecimento científico natural.

Além de tentar superar essa visão naturalizante da vida psíquica presente na psicologia científica de sua época, Husserl também criticou o psicologismo lógico, que, por conceber o psiquismo como origem e expressão de todo conhecimento, buscava fundamentar as leis lógicas do raciocínio na descrição dos processos psicológicos empíricos. Aqui, para edificar sua filosofia de rigor, Husserl entende que era necessário eliminar essa orientação naturalizante (representada no caso pelo psicologismo) do campo da teoria do conhecimento, pois a tentativa de comprovar as leis lógicas do pensamento a partir da investigação das propriedades e características dos processos psicológicos resultaria apenas em ceticismo ou relativismo. Em outras palavras, para resgatar o rigor filosófico, Husserl entende que o único caminho possível é estruturar o sistema filosófico a partir do método fenomenológico, que, por meio da *epoché* ou suspensão dos juízos naturalizantes, permite a manifestação das características fundamentais da consciência (GOTO, 2008; TOURINHO, 2011).

Mas, ainda que, no interior da Fenomenologia, Husserl apresente duras críticas à psicologia científica e condene o psicologismo, não se pode ignorar que ele também concebeu uma nova psicologia: a Psicologia Fenomenológica, pensada como aquela capaz de descrever, a partir da atitude fenomenológica, as vivências internas e intencionais da consciência, como descreveremos na seção seguinte.

A proposta de uma nova psicologia: a Psicologia Fenomenológica

Ao propor uma investigação mais propriamente direcionada à descrição e à caracterização das vivências intencionais da consciência, Goto (2008) destaca que Husserl está propondo uma nova psicologia, fundamentada no método fenomenológico, que foi definitivamente apresentada em sua obra final, *Crise* (um conjunto de manuscritos e conferências que datam de 1926 a 1937). Ainda de acordo com Goto (2008), a estruturação da Psicologia Fenomenológica em Husserl surge de uma necessidade interna à própria Fenomenologia, a saber, a necessidade de uma descrição empírico-fenomenológica das estruturas psíquicas humanas, antes de se estabelecer a constituição universal ou transcendental da consciência.

Ainda segundo o mesmo autor, Husserl caracteriza a Psicologia Fenomenológica como uma “ciência universal dos seres humanos que focará sua atenção no ser anímico, entretanto, no ser anímico individual e social” (GOTO, 2008, p. 228). Nesse sentido, podemos entender que Husserl não pensa aqui uma consciência interna a um sujeito (interioridade psíquica) que apreende um objeto, que lhe é externo e a afeta, pois, para ele, todo ato de consciência exprime uma intenção e é voltado para um objeto/mundo, que só existe a partir dessa referência. Portanto, parece que a atitude fenomenológica conduz à abertura do sujeito ao mundo, a uma consciência em intrínseca relação com o mundo.

Desse modo, Goto (2008) observa que a investigação fenomenológica da vida psíquica, como proposta na Psicologia Fenomenológica de Husserl,

proporcionaria, por um lado, uma fundamentação mais segura e adequada para a psicologia científica, na medida em que a afastaria do modelo de ciência natural e das abstrações naturalistas, em que predominam uma interpretação dos processos psíquicos (percepção, afetividade, consciência etc.) como processos psicofísicos ou fisiológicos. Por outro lado, a Psicologia Fenomenológica refundaria uma nova psicologia implicada com os principais problemas subjetivos da vida humana, ao voltar-se para a investigação da vida psíquica pura, ou seja, para o estudo da essência ou natureza genuína da vida psíquica, priorizando o caráter intencional da consciência, e ocupando-se com o modo como a subjetividade experiencia o mundo que vivencia.

Conclusão

Esperamos ter mostrado, ainda que de modo breve, como, no contexto filosófico da Fenomenologia, Husserl estrutura uma proposta de Psicologia Fenomenológica, contrapondo-a à psicologia científica pautada no modelo de ciência natural e ao psicologismo lógico, destacando com isso os diferentes sentidos e funções que o conhecimento psicológico assume no desenvolvimento de seu pensamento.

Além disso, esperamos ter ressaltado como sua proposta de Psicologia Fenomenológica, enquanto uma ciência do mundo interno puro, ocupa-se com os atos intencionais das pessoas. E, ao estudarmos mais explicitamente a conceptualização e o desenvolvimento da proposta de Psicologia Fenomenológica husserliana, esperamos também possibilitar reflexões futuras sobre a relação entre Psicologia e Fenomenologia, assim como sobre a aproximação atual entre Fenomenologia e Filosofia da Mente, sem correremos o risco de descaracterizarmos o que seria próprio da discussão fenomenológica sobre a mente e a subjetividade humana.

Por fim, cabe destacarmos as limitações desse artigo, que, como produto de um grupo de estudo, em uma leitura inicial sobre o tema aqui abordado, restringiu-se à análise da literatura secundária. Deste modo, destacamos que,

em estudos futuros, é relevante a análise de fontes primárias, sobretudo das obras em que Husserl menciona diretamente seu projeto de Psicologia Fenomenológica, bem como suas críticas à psicologia científico-natural e ao psicologismo lógico.

Referências

CESCON, E. Quatro perspectivas contemporâneas em filosofia da mente. **Daímon: Revista Internacional de Filosofia**, Supl. 3, p. 321-335, 2010.

FEIJOO, A. M. L. C; MATTAR, C. M. A Fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n.4, p. 441-447, 2014.

GOTO, T. A. **Introdução à psicologia fenomenológica**: a nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus, 2008.

GOTO, T. A.; MORAES, M. A. B. O problema mente-corpo e a questão da naturalização da fenomenologia. **Ecos**, v.2, p. 194-208, 2018.

MOREIRA, V. Possíveis contribuições de Husserl e Heidegger para a clínica fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 4, p. 723-731, 2010.

TEIXEIRA, J. F. **Mente, cérebro e cognição**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TEIXEIRA, J. F. **Filosofia da mente**: neurociência, cognição e comportamento. São Carlos: Claraluz, 2005.

TOURINHO, C. D. C A filosofia como ciência rigorosa, a crítica ao psicologismo e a autorreflexão da consciência transcendental. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, v.3, n.2, p.1-144, 2011.

TOURINHO, C. D. C. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências. **Estud. pesquis. psicol.**, v. 12, n. 3, p. 852-866, 2012.